

CORREIO DO ALGARVE

Redactor — **Guerreiro Fogaça**

Jornal mais barato da provincia

Proprietario e director — **P.º João Henrique**

ASSIGNATURAS

Trimestre 150 | Numero avulso.. 25

Independente e social

Publicação bi-mensal

ANNUNCIOS

Aceita-se cada um mediante uma assignatura

Redacção e administração, RUA DE SANTA BARBARA—LAGOS

Composição e impressão, Minerva Commercial de José Ferreira Baptista, RUA DO PAÇO 73 E 75—EVORA

A actual situação politica e os partidos

Lisboa-Fevereiro de 1909.

Discute-se ainda, nos centros de cavaco e nos «suetos» dos jornaes, a reunião magna do partido regenerador vilhenista e o protesto que o outro ramo do partido produziu, assignado por numerosas personalidades. A opinião indigena, que se interessa por estas cousas, e que é forçosamente limitada aos politicos profissionais e aos ociosos que discutem tudo sem nada saberm, fluctua indecisa entre o sr. Vilhena e o sr. Campos Henriques. Os epithetos jogados d'outro lado, quer ponham em relevo a ineptia vilhenista, quer attestem, com um inquisitorial furor, as qualidades... rabinicas do henriquismo, comovem mediocrementemente o publico, affeito a ver os politicos descompor-se mutuamente, para mais tarde se reconciliarem num amplexo fraternal. O que commove os interesses de casta é saber qual dos dois grupos regeneradores terá futuro e será viavel; e, o que nos parece a duvida logica de muitas consciencias, acantonadas num prudente «amarelismo», não passa, afinal de contas, da hesitação de alguns commodistas, que esperam os acontecimentos para se decidirem por um ou por outro ramo. E esses interesses, vaiha a verdade, tem razão para hesitar; nunca o futuro se mostrou mais cerrado e impenetravel! Nem ao mais arguto é dado concluir, dos factos presentes, a quem pertencerá, de futuro, a victoria. As probabilidades de exito dos dois ramos equilibram-se; cada qual dispõe de recursos e influencias, que não podem constituir um indicador de confiança, visto que isso lhes póde faltar, d'um momento para o outro.

E' incontestavel que a maior parte do partido regenerador acompanha, por emquanto, o sr. Julio de Vilhena. Dizemos «por emquanto», visto estar provado que a maioria d'esses partidarios não se subordina propriamente ao sr. Vilhena, antes obedece á «consigne» do sr. Teixeira de Souza; e, se um dia este politico se separar do seu chefe, ao sr. Vilhena restará unicamente o recurso que Hamlet aconselhava a Ophelia: ir para um

convento. Também é incontestavel que um partido como o regenerador, que tem raizes historicas e que se consolidou durante larguissimos annos de governo, embora submettido ás leis fataes da dissolução, que irresistivelmente actuam hoje sobre todos os organismos partidarios, não desaparece assim d'um dia para o outro, eliminado por um alcapão a um gesto de mephistopheles de magica. Mas, por outro lado, importa ponderar que a scisão determinada pelo sr. Campos Henriques e pelos seus amigos, apoiada pelo outro partido historico, consolidada immediatamente pela situação do governo, com radicações em terras varias e servida por algumas dedicadas influencias, não é barco que naufrague ás primeiras investidas, nem mesmo perante o escolho da queda do governo. Constituindo um grupo áparte, integrando-se no partido progressista, ou voltando ao partido regenerador (solução que é mais facil do que se pensa) a scisão regeneradora tem, em qualquer caso, um certo futuro; e em qualquer das hypotheses, saberá valorisar a sua situação propria, capitulando com todas as honras. Razão ha, pois, para as hesitações que assaltam sombriamente tantos amarelos, que palpam a situação sem encontrarem o caminho que mais lhes convenha.

Pelo que diz respeito á vida e futuro do governo, ha já um indicador precioso, que póde servir de base solida a todas as especulações politicas sobre o futuro. Esse indicador é o seguinte: «as côrtes não serão dissolvidas». Sabemol-o de fonte certa. Mantendo-se as côrtes, na sua actual e heterogenea composição, mantendo-se extremados os campos nos limites que actualmente estão traçados e que presuppõem uma violenta opposição, ou o governo lhe oppõe o proposito d'uma resistencia passiva, sem impaciencias, desinteressando-se das questões, limitando-se a abrir e a fechar as camaras nos prazos fixados por lei, sem se importar com as suas propostas e nesse caso mantem-se... pela inercia; ou o governo trava o duello parlamentar com todo o rigor, exhaure-se numa luta de todos os dias para arrancar á camara, migalha a migalha, as auctorisações de que entende

carecer, defronta-se com o obstrucionismo ou com outra qualquer formula das velhas manhas opposicionistas, e, nesse caso, cansado, enfraquecido, irá ao paço expôr a situação ao Rei, que decerto optará, não pela dissolução, mas pela organização d'um novo governo. Ignoramos que caminho o ministerio tomará. A um correspondente do «Matin», que ha dias o procurou, declarou o sr. presidente do conselho que terá a paciencia necessaria para viver com uma camara onde a opposição está largamente representada. Effectivamente, a luta parlamentar, para o governo, como já em tempos dissemos aqui, reduz-se a uma simples questão de paciencia. Para vencer, basta que se desinteresse dos trabalhos parlamentares e que tenha bem presente que o paiz não carece de mais legislação e sómente de melhor administração.

Mas a hypothese mais curiosa, quando considerada mesmo no dominio de mera abstracção, é a da queda do governo no seio do parlamento. Que as camaras o podem derrotar, não ha duvida; o que é difficil, é que ellas possam indicar á Corôa uma successão constitucional. Quem será chamado a governar? A indicação parlamentar é inexpressiva. Nenhum chefe de partido póde formar por si só e com elementos do seu partido, um gabinete. Cada qual teria contra si... todos os outros agrupamentos reunidos. Uma combinação entre dois grupos parlamentares importantes seria mais ou menos viavel; mas... quaes os grupos que hão de combinar-se? Progressistas e vilhenistas? Depois do que se tem passado, seria o cumulo... da ousadia. Qualquer outra alliança, d'um partido numerosamente representado com um dos grupos parlamentares de somenos importancia, não teria maioria; não poderia governar. Teriamos um ministerio extra-partidario? Mas como organisal-o a contento de todos?—Teriamos um ministerio de concentração monarchica? Tentaram-no, successivamente, os srs. Beirão, Sebastião Telles, Antonio de Azevedo, etc, ha cerca de dois mezes, sem probabilidades de exito, e nada nos assegura que essa tentativa fosse agora mais feliz. E a unica hypothese, a hypothese absur-

da mas logica, que fica de pé era a chamada, outra vez, do sr. Ferreira do Amaral. Com o actual «gáchis» parlamentar, o peor que pode succeder é a queda d'um governo, difficilmente se lhe obterá successor viavel.

No estado de profundo desequilibrio em que actualmente se encontram as forças politicas, merece observação a attitudde dos dissidentes, que, com os olhos continuamente fixos nas suas ambições, aconselham a politica franceza de «blocos» parlamentares, com governos que se substituem de tres em tres mezes, consoante a aggregação ou a desaggregação dos grupos que fossem constituindo o «bloco». Para os dissidentes, era isto excelente, achariam modo de manter os seus sete deputados, de participar de todos os governos, e de adquirirem um predominio constante e progressivo. A existencia do «bloco» é a forma moderna da politica em muitos paizes; mas só é accetavel nos paizes em que se faz uma politica de ideias, e não de interesses. Não estamos n'esse caso. Entre nós, o que affecta os homens e o que divide os partidos, não são os principios, são os interesses. Quem estudar os programmas de todos os partidos, encontra n'elles as mesmas aspirações e as mesmas revindicações; dir-se-hia que, salvo questões secundarias, todos se erigiram sobre uma plataforma commun. Quanto aos principios, toda a gente, em Portugal, parece estar de accordo; não ha grandes differenças entre o mais exaltado radical e o mais pacifico conservador. Quanto aos interesses, porém, é que a divisão é absoluta. E, não sendo possivel a organização do «blóco» girando sobre ideias distinctas de governo e de administração, os «blocos» seriam apenas de interesses, cimentados por um contracto que estabelecesse reciprocas vantagens aos «blocards», e nenhuma para o paiz.

IMPRESSÕES DE G. S.

De visita a s. ex.^{ma} familia encontra-se ha dias n'esta cidade o ex.^{mo} sr. tenente-coronel Guerreiro, um dos mais illustros professores da E. do Exercito, antigo ajudante de S. M. El-Rei e ex-deputado progressista. Dando as boas vindas, cumprimos s. ex.^a

Como se faz politica em Portugal

Combinações e entendimentos...

Vae accesa e renhida a luta entre o venerando e immaculado chefe do partido progressista, e o sr. José d'Alpoim e seus amigos, em vista das probabilidades que estes ultimos tem de fazer, brevemente, parte de qualquer ministerio de concentração. Se tal succeder, diz o immaculado e venerando chefe progressista no seu jornal, que lhes fará uma indomável e molentissima opposição, por terem os dissidentes «ligações com os republicanos».

A isto responde o sr. Alpoim no «Dia» que «apesar de os dissidentes se terem entendido com os republicanos no movimento revolucionario, por preferirem tudo á monarchia absoluta que então havia, essa ligação não existe, estando hoje onde se achavam antes da dictadura». Continua o sr. Alpoim:

«O curiosissimo é que o sr. José Luciano, cujos jornaes enxovalharam, insultaram como nenhuns outros o rei senhor D. Carlos, appareça agora arvorado em paladino monarchico! «Em casa do sr. José Luciano, como é sabido, se reuniram muitas noites, em luta contra a primeira dictadura do sr. João Franco, muitos elementos republicanos». E estes queixam-se de que, tendo-lhes promettido tudo, o sr. José Luciano os enganou...»

Lê-se e não se acredita. Pelo que deixamos transcripto, imparcialmente se concluirá que a respeito de combinações com republicanos, tanto fizeram uns como outros, e que por isso não ha motivo para o sr. José Luciano atirar pedras ao telhado do visinho, porque o seu também é de vidro e muito quebradiço.

A que grau de decadencia chegou a dignidade politica dos partidos em Portugal!!!

E haverá ainda quem acredite n'essas dedicações, lealdades e outras apregoadas virtudes pela causa da monarchia, da parte de taes politicos? Pelo que se está passando na actual situação, sem o sentir, sahe-nos dos bicos da pena a seguinte phrase repassada de sentimento profundo: pobre paiz que tens sido o ludibrio dos politicos de profissão que á tua custa tem vivido! Ingratos politicos, que com as vossas ambições partidarias, tendes conseguido levar o paiz a caminho do desprestigio, da miseria e da humilhação!!!!...

Esteve ha dias em Lisboa a tratar de negocios particulares, o nosso estimado director rev. P.º João Henrique.

Encontra-se felizmente, muito melhor da doença que por dias o prostrou no leito, o nosso ex.^{mo} amigo e sr. major Palma, a quem endereçamos as nossas felicitações por tal motivo.

LACOBRIÇA LACOBRIÇA, OU LAGOS

(Continuação do n.º 16)

VIII

Em 1693, a 26 de Junho presenciou Lagos a batalha naval entre as esquadras franceza, ingleza e hollandesa. A franceza era composta de 71 navios de guerra, commandados pelo almirante conde de Tourville; a ingleza e a hollandesa alliasdas contra aquella compunham-se de 25 navios de guerra commandados pelo almirante Rook e que comboiavam perto de 400 embarcações mercantes com ricas carregações. As esquadras alliadas tiveram de retirar em vista da grande desproporção de forças no fim de um combate encarniçado, durou 5 horas. Os francezes tomaram então muitos navios mercantes avaliando-se a sua presa em 4500 contos. De antes, em 1596 vira Lagos passar ao largo a esquadra de 130 velas commandada pelo duque de Escax e que fora lançar fogo á cidade de Faro porque a Inglaterra andava em guerra com a Hespanha.

IX

Em 1 de dezembro de 1640 quebramos as algemas que nos roxeavam os pulsos. A historia d'esta revolução está escripta em todos os livros da historia da Europa, e escripta em todos os corações portuguezes.

Apressou-se D. João IV a fazer a communicacão d'este extraordinario acontecimento aos governadores de todas as provincias. A este proposito escreveu M.º de la Clede: «Faltava só o Reino do Algarve, e era muito importante assegurar-o. Era governador do Algarve Henrique Corrêa da Silva, o qual tinha escolhido para sua residencia a cidade de Lagos. Escreveu-lhe El-Rei instruindo-a de tudo o que se acabava de passar em Portugal, e pedindo-lhe que o fizesse reconhecer dos Reinos do Algarve.

No dia seguinte aquelle em que recebeu a carta, juntou o governador na Igreja da Misericordia os chefes da justiça com os officiaes e toda a nobreza, e depois de ter feito cantar uma missa, leu a carta que recebera d'el-rei, e depois d'isto entrou a gritar: Viva D. João IV, Rei de Portugal e dos Algarves; e logo todos repetiram o mesmo grito.

As fortalezas de S. Vicente

e de Sagres submeteram-se immediatamente. Depois de tudo isto mandou o governador dois mil homens de guarnição a Castro Marim para impedir que os castelhanos entrassem por aquella parte no Reino. O Marquez de Ayamonte, fingindo desconhecer os sentimentos patrióticos do governador do Algarve, escreveu-lhe uma carta em que dizia que brevemente lhe mandaria algumas tropas para punir os rebeldes. Respondeu-lhe o governador que não tivesse esse trabalho, pois os que tratava de rebeldes eram feis vassallos, que obedeciam ao seu legitimo Soberano. Dada esta resposta, escreveu logo a El-Rei e deu-lhe exacta conta das tropas, munições, artilharia e tudo o que havia no Algarve, certificando-lhe que estava pronto para servir-o com o mesmo zelo e lealdade, tanto na paz como na guerra. Chamou-o El-Rei á corte e nomeou-o administrador do Patrimonio Real. Este galardão era bem merecido para o serviço que tinha feito. Foi pois em Lagos que se fez a aclamação de D. João IV antes que esta se fizesse em Faro, Tavira e Silves.

Durante o periodo de guerras em Portugal e Hespanha contribuiu Lagos com enormes sacrificios em sangue e dinheiro.

Vinte e seis annos durou a guerra, que se seguiu a ascensão de D. João IV ao throno dos seus maiores.

A esta guerra seguiram-se os grandes desgostos pelo procedimento de D. Afonso VI. Subindo ao throno D. Pedro, seu irmão. Em 1706 falleceu D. Pedro II, na idade de cincoenta e oito annos, subindo ao throno D. João V. Por morte d'este monarcha subiu ao throno D. José I. Foi no reinado d'este monarcha em 1755, que succedeu o terrivel tremor de terra que muitos estragos causou ao reino e em especial no Algarve. Lagos soffreu horivelmente com este terremoto. Não podemos mais desenvolvidamente tratar da historia de Lagos. Apenas tocamos os topicos principaes, deixando ao cuidado de um auctor da Monografia de aquella cidade, a ennumeracão de factos aqui omittidos.

FIM

A. O.

Deu-nos a honra da sua visita o nosso particular amigo e sr. Frederico de Castro, mui intellegente administrador do concelho de Monchique.

Muito agradecemos a s. ex.ª a sua attenção.

Festa militar

Juramento de Bandeiras

Realisou-se no dia 14 do corrente n'esta cidade a rectificação do juramento de fidelidade prestada pelos recrutas da guarnição d'esta cidade.—A's 10 horas da manhã teve logar a missa na igreja de Santa Maria, a que assistiu o 3.º batalhão commandado pelo sr. major Corrêa, e a bateria n.º 4, commandada pelo sr. capitão Castello Branco. Depois d'esta cerimonia a bateria dirigiu-se para a fortaleza da P. da Bandeira onde ratificou o juramento, e o 3.º batalhão para o seu quartel, na parada do qual, pelo ajudante sr. tenente Carmo, foi lido o regulamento disciplinar em voz alta; em seguida a convite do sr. major Corrêa fez uma breve allocução enaltecendo a necessidade do amor patrio e do sincero culto á Bandeira, o tenente sr. Fogaça. Seguiu-se a ratificação pela forma do regulamento. No fim de allocução o tenente sr. Fogaça foi muito cumprimentado pelos seus camaradas.

O quartel que esteve franqueado ao publico durante o dia, encontrava-se n'um estado irreprehensivel de asseio, merecendo a todos os visitantes palavras elogiosas. Das casernas que se achavam ornamentadas com flores e verduras, a que mais despertava a attenção de todos, era a da 2.ª companhia, devido aos bons esforços do 1.º sargento sr. Paula Santos e dos 1.ºs cabos n.º 4 Theodoro José da Silva, e n.º 2, Ricardo Guerreiro, bem assim das demais praças que trabalhavam com uma actividade digna de nota. A fachada da parada do quartel, também ostentava: uma bella ornamentação de flores, bandeiras e tropheus, bem como a entrada da 3.ª companhia, devido aos incansaveis esforços e boa vontade do 2.º sargento sr. Abel da Silva que não se poupou um instante ao trabalho de tudo arrumar, o que conseguiu. A caserna da bateria também estava adornada com bastante gosto e arte, devido á boa vontade do 1.º sargento sr. Pomba e 2.º sargento sr. J. Julio.

A tarde houve a 2.ª refeição que foi servida na parada onde havia uma enorme meza em forma de U e na qual tomaram logar todas as praças da guarnição, confraternizando todas, o que era devéras sympathico e bello. O rancho foi melhorado e constava de sopa, vacca, carne assada, vinho e fructa.

Ao principio da refeição estiveram os officiaes que logo retiraram satisfeitos por tão sympathica festa que deixará saudosas recordações aos novos recrutas e a todos os que a presenciaram.

A solemnidade da ratificação assistiu o ex.º sr. commandante militar sr. tenente coronel Figueiredo, bem como muitos cavalheiros d'aqui e também algumas senhoras.

Pode afortunadamente calcular-se para mais de 200, as pessoas que assistiram a tão tocante quanto patriótico acto. Na bateria fez a allocução ás praças o nosso pressado amigo e sr. tenente Castro que produziu uma bella oração que deixou no animo dos ouvintes a mais profunda impressão.

Emfim, foi a todos os respeitois uma festa sympathica que muito honra a commissão que d'ella tratou, e que sob a presidencia do sr. major Corrêa, se compunha dos srs. alferes Tello, Rato e Carrasco. A mesma digna commissão trabalhou com afan para o

bom resultado da festa pelo que a felicitamos e em especial o sr. alferes Rato que mais uma vez mostrou interessar-se com disvello por tudo quanto diga respeito ao bom nome do nosso exercito.

Viva a moralidade republicana!

Cá e lá mais fadas ha

Do Liberal:

«Parece que nos Estados Unidos também existe a raça damninha do rotativismo.

A imprensa da opposição atia-se valentemente á administração do presidente da republica que considera immoral.

Um jornal provou que o barbeiro de Roosevelt recebe do thesouro publico o ordenado de perto de um conto e quinhentos mil réis.

Se os jornaes começam a escavar fundo nas secretarias do estado da America, os escandalos não de ser de bom calibre. Quando um barbeiro se senta á meza do orçamento só por ir á cara do presidente da republica, imagine-se o que será o resto!

Em toda a parte, sopra o mesmo vento de loucura sendo a unica victima o contribuinte. Emquanto este se atrasa, morto de fome, os seus dirigentes adeantam-se com a velocidade d'um automovel!»

Acrescenta a Palavra:»

«Este acontecimento, é dos taes que se pode concluir que a boa fama de um homem, ainda mesmo quando é universal, é vulneravel e susceptivel de accusações.

E' o caso que o presidente Roosevelt, esse mesmo por quem os «yankées» nutriam um elevado fanatismo politico, a ponto de se pensar que a sua republica degenerava numa especie de imperialismo, se vê agora accusado pela imprensa nort-americana por causa de um pequeno detalhe da sua vida particular.

O presidente Roosevelt tinha o seu barbeiro, o que afinal não é para admirar, porque a boa pratica da vida não chega ao extremo de nos forçar a barbear-mo-nos a nós mesmos.

Um figaro chega a ser indispensavel, se não pelos serviços que nos presta, ao menos pelos personagens a quem elle barbeia, e de quem a gente gosta de saber novidades.

Tinha muito boas qualidades de «raseur» o tal barbeiro, e o presidente chegou a gostar e apreciar tanto essas qualidades, que determinou fazel-o feliz.

E para isso, estipulou-lhe por anno um ordenado de um conto e quatrocentos e quarenta mil réis, quantia que sahia dos cofres do thesouro publico.

Este vencimento não era desprezível, mas dizem os jornaes que o presidente deveria pagá-lo do seu bolso, se queria ter o luxo de possuir um tal barbeiro que também concorria par barbear os contribuintes.

O que me admira, é que os americanos não vejam que a cara do presidente Roosevelt fazia parte integrante da organisação politica da republica, e que em consequencia não considerem aquella verba como uma despesa orçamental.

Porque afinal o Estado é sempre encarregado de fazer os serviços de limpeza publica, e aquelle barbeiro decerto que limpava, e talvez muito bem, a illustrissima cara do presidente.

São maneiras de ver as coisas, e esta maneira condiria mesmo com o espirito inventivo dos americanos, que já se tornaram celebres no Velho Mundo pelas suas excentricidades.

E é provavel que fosse este o pensamento do grande republicano, ao fazer pagar pelo Estado o seu barbeiro, assim como talvez poderia fazer o mesmo a respeito do seu sapateiro.

Questões de Direito Publico que ainda não estão bem esclarecidas.»

Liga monarchica

E' animador o progresso que esta instituição, ha pouco fundada, tem feito. De todos os partidos politicos, que se empenham pelas prosperidades do throno da monarchia, tem corrido vultos proeminentes no nosso meio social, a fim de se alistarem nas fileiras da «Liga Monarchica» á sombra suave do pendão das quinas, outr'ora tremulando triumphante nas fortalezas de Ceuta e India, e saudando «os mares nunca d'antes navegados».

Não obstante o levantar do somno do indifferentismo politico a favor do rejuvenescimento da monarchia e da patria, fica ainda muito a desejar o movimento da «Liga Monarchica».

Que todos os amantes da patria e das instituições vigentes, que nos fizeram respeitados em tempos idos, se filiem como socios desta «Liga» deve ser o principal empenho dos genuinos portuguezes que desejam

Ver amor da patria não movida...

De premo vil, mas alto e quasi eterno

N'esta aggremação podem entrar cavalheiros de todas as côres politicas, pois o seu unico objectivo é o florescimento da nossa nacionalidade.

Na séde da «Liga», em Lisboa têm-se realisado varias reuniões, a que têm presidido individuos pertencentes a varias parcialidades politicas, a fim de desviar quaesquer suspeitas de partidismos ou politiquices. Presidiram já os srs. Ayres d'Ornellas, conde da Penha Garcia e Pimentel Pinto, sendo as proximas reuniões presididas pelos srs. Vasconcellos Porto e conselheiro Jacintho Candido.

Engrosse a «Liga» e as nossas finanças melhorarão, o nosso credito augmentará, a autonomia e a nossa independencia estarão seguras.

A'vante pela prosperidade da patria e pelo bem do povo portuguez.

A inscripção para socios desta prestimosa «Liga» pode fazer-se todos os dias na Calçada do Sacramento 7, 2.º das 10 horas da manhã ás 12 da noite.

Os socios e suas familias residentes em Lisboa terão gratuitamente serviço medico. Os socios das cidades, villas e aldeias do país, depois de inscriptos, pagam também a quota mensal de 100 réis e receberão todas as semanas um jornal—orgão da «Liga»—que brevemente apparecerá, defendendo os interesses da nação e que promete ser bem dirigido e possuir sã e variada leitura.

Regressou de Portimão á sua casa em Lagos, o nosso particular amigo e sr. alferes Tello, um dos mais estimados officiaes do 3.º batalhão de infantaria n.º 17.

SECÇÃO LITTERARIA

Surge et ambula...

Rugiu o mar, tremeu o solo, em guerra,
E foi tamanho o mal, a mortandade,
Que se vestiu de lucto a propria Terra,
Acordou, soluçando a Humanidade.

Mas, sobre o mar de escombros, que hoje encerra
Apenas morte—extranha claridade—
Já um clamor de vida se descerra,
Rasga um facho de luz a immensidade.

Povos irmãos, no mesmo aneio unidos,
N'um resurgir de fé, de crença audaz,
Já erguem, vencedores, os vencidos.

Resplende o sol, reina de novo a paz.
Italia, troca em vida os teus gemidos!
Levanta-te e caminha... Vencerás!

RIBEIRO DE CARVALHO.

PALAVRAS SERENAS

A imprensa algarvia foi, não ha muito tempo, accrescentada com um novo semanario, que tomou uma feição accentuadamente combativa.

Lutar, combater é a sua paixão absorbente, a sua preocupação unica, o seu empenho decisivo, e esta paixão, esta preocupação, este empenho manifestam-se com uma tal intensidade que toca as raízas do exaggero. Se não existe inimigo, cria-o a sua phantasia ardente, para depois investir com elle e assim satisfazer a sua ancia infinita de batalhar.

Faz lembrar essa prodigiosa criação de Cervantes o engenho so fidalgo D. Quixote de la Mancha, que chegava a investir com moinhos de vento, que a sua treloucada imaginação metamorphoseara em fanchudos gigantes.

Segundo o meu entender, a «Provincia do Algarve», que assim se chama o hebdomadario, de que me occupo, exerce, na imprensa algarvia, o papel inglorio de Cavalleiro da Triste Figura.

E' assim mesmo! O inimigo phantastico, creado pela sua imaginação morbida e exaltada, é a reacção.

Vê-a em toda a parte, desde a habitação humilde dos campos, até ao paço real; tramando na sombra contra a Liberdade; procurando alargar a esphera da sua perniciosissima influencia, a custo de todos os meios, como a intriga, a diffamação, a calumnia, pregando o erro e o mal; dominada por um odio incansavel, que não recua deante de nada, cego e implacavel, como o destino, contra todas as idéas de civilização e progresso.

Até no nosso Algarve o olhar aquilino do fogoso semanario republicano, vem descobrir a *malvada* reacção: no Pensionato, succursal de S. Fiel, ensinando naturalmente aos rapazes, que lá estão, que é «licito matar o pae para servir a Deus»; no Seminario, onde, como é sabido por toda a gente, se dá aos alumnos a mais perigosa «educação jezuitica» e até nos pulpitos, onde ha padres, que têm o inqualificavel arrojo de «pregar o Nacionalismo».

Isto é que se chama ter olho! Pelo que se vê, estão os liberais bem servidos com este novo paladino da sua causa. Por este andar, a pobre da reacção terá de levantar pé do Algarve, porque, como é sabido, ella só pode trabalhar ás escondidas, na sombra e a benemerita «Provincia do Algarve» encarrega-se de descobri-la em toda a parte, onde ella se acoitoe, para depois a expôr impiedosamente á luz do sol.

Todavia, pensando bem no que seja a terrivel reacção, que, para a «Provincia do Algarve», e ainda para outras publicações, que monopolisam para si o amor á Liberdade, exerce o officio de pápio, ou, repito, não acho na vida real entidade alguma, que em si reuna as caracteristicas d'essa phantastica criação.

O que eu tenho observado, ao ler os jornaes, que atacam encarnadamente a tal reacção, é que todos elles são adversarios declarados das idéas espiritalistas e christãs. O alvo dos seus ataques não é, portanto, a figura repellente e sinistra da reacção, porque esta só existe na sua phantasia, mas a figura suave, luminosa e bendita da Religião Catholica! E' esta que, na realidade, atacam, se bem que, para não espantar muito alguns leitores de fé mais viva, lhes convenha faze-lo encapotadamente, servindo-se do nome de reacção, jezuitismo, ultramontanismo e outras expressões equivalentes.

Baldado empenho! O expediente é já muito velho; não engana, portanto, ninguém de mediana illustração. Não calumnio, pois, a «Provincia do Algarve», chamando-lhe um semanario anti-religioso, que todos os catholicos devem considerar como inimigo de suas crenças.

Chegado a este ponto, vou fazer uma declaração, para evitar confusões e mal-entendidos. Eu não estou agora atacando a «Provincia do Algarve» por defender a idéa republicana, mas sim por atacar a idéa religiosa, que eu, como padre e catholico convicto, tenho obrigação de defender.

A Egreja Catholica não é systematicamente adversaria do regimen republicano, como não é systematicamente partidaria do regimen monarchico. No campo da theoria considera tão legitima forma de governo a Republica, como a Monarchia, aconselhando sempre, porem, a sujeição aos poderes legitimamente constituídos.

Assim é que o Vaticano nunca fomentou rebeliões contra a republica franceza e, muito menos, desde que ella se estabeleceu definitivamente, como poder legitimo.

Pelo contrario, é facto sabido que Sua Santidade Leão XIII aconselhou insistentemente os catholicos francezes a que acceitassem e acatassem a forma de governo do seu paiz, acabando com as diversões, que os enfraqueciam e unindo-se, em partido politico, dentro da republica.

Este conselho não foi seguido por todos e os resultados d'isso estão patentes: chegou-se ao extremo de serem castigados pelo

governo, em nome da Liberdade e sob o pretexto de defender a republica, officiaes do exercito por commetterem o horrivel crime... de assistir á Missa!

Tambem é positivo que Sua Santidade Pio X não conspira contra o regimen republicano, estabelecido na França, seguindo em tudo as pisadas do seu glorioso predecessor. A razão luminosa, que a «Provincia do Algarve» apresenta para nos convencer do contrario, é que Pio X não cessa de aconselhar aos bispos «que promovam nas suas dioceses um energico ensino catholico!»

Como vêem, a razão é de cabo de esquadra! Queria talvez o interessante semanario republicano que Sua Santidade, o chefe supremo da Egreja Catholica, aconselhasse os bispos a promoverem um energico ensino atheu!..

Estou farto de ouvir dizer que o clero confunde propositadamente a republica com a irreligião, para assim impedir que o povo abra os olhos e os deixe fascinar pelo ideal republicano.

Será assim, mas, por este pequeno panno de amostra se vê d'onde partem as confusões. A culpa d'elles, não é do clero, mas recae inteiramente sobre a imprensa republicana, que, como é notorio, não sabe defender os seus ideaes no campo dos principios, sem descer a combater, é, ás vezes, pelos processos menos correctos, a fé, que ensina a maioria do povo portuguez.

Procedendo assim, essa imprensa não consegue incompatibilisar a idea republicana, abstractamente considerada, com a religião, porque tal idea não tem culpa dos desacertos, que se fazem em seu nome; mas o que é fora de duvida, é que torna incompativel a religião com o partido republicano portuguez.

A este respeito, eu não quero dar lições de propaganda democratica á «Provincia do Algarve» nem a qualquer outro orgão de publicidade republicana; mas digo, com a maior convicção e sinceridade, que nunca foi capaz de comprehender a conveniencia, que tem a imprensa republicana em combater a religião catholica e atacar pessoalmente os seus ministros.

A mim me disse, pouco mais ou menos, o mesmo, referindo-se á «Provincia do Algarve» um republicano serio e sensato, a quem eu muito estimo e respeito pelas suas nobilissimas qualidades de caracter.

Como estas considerações se vão alongando demasiadamente e eu não desejo importunar muito os leitores, vou terminar com as seguintes palavras: a «Provincia do Algarve» pode julgar que faz excellente propaganda democratica, atacando a religião catholica e o clero; mas, pelo seu lado, o clero e os catholicos estão no direito de lhe fazer, pelos meios legitimis, a maior guerra, que possam.

Talvez ainda volte ao assumpto.
(UM PADRE ALGARVIO).

AGRADECIMENTO

Manoel Alexandre Lopes e seus filhos, não podendo pessoalmente agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela saude de sua esposa e mãe, durante o periodo de sua doença, aqui lavram o protesto do seu profundo reconhecimento para com todas as pessoas.

Carta de Lisboa

2.º—909

O censo de 1900, mostrou-nos, doloroso é confessal-o, a aterroradora existencia de 4.000.000 de analphabetos na população do nosso paiz! Ao passo que 78% dos portuguezes não sabiam ler, na militarista Allemanha, na penhascosa e frigida Noroega, na ponderada e economica Suissa a percentagem de illetrados era, a bem dizer, nulla!

Ah! devemos corar de vergonha em face de tal confronto e sentir-nos profundamente humilhados deante d'esses robustos homens do Norte, d'Alem Athantico, fortemente armados para a luta pela vida, habituados a contar com sigo proprios, desafiando o embate dos mais audazes adversarios!

Como poderemos ter bons agricultores, proficientes industriaes, sabios engenheiros, gloriosos artistas, habeis commerciantes, se a maior parte da população se debate nas trevas da ignorancia e a parte, que alguma coisa estudou, soffreu, em geral, graves diformações intellectuaes, causadas por programmas d'ensino quasi sempre tendenciosos, pouco progressivos e nada practicos?

Como poderão formar-se homens que aliem a uma robusta saude, um cerebro cultivado, uma rigida moral e uma obstinada vontade, que nada faça desfalecer?

Como se obterão cidadãos perfeitamente conscios dos seus direitos e strictamente cumpridores do seu dever?

E qual o meio de deter a avassaladora marcha da corrupção e do crime que, como manchas de hedionda gangrena, envenenam e decompõem o corpo social?

Creando o amor á escola! «Abrir uma escola é fechar uma prisão» diz Jourdan, e em verdade, é n'esse templo, entre nós tão pouco frequentados, que se recebem as benções de um baptismo novo, que ha de transformar o homem, em cidadão util a si e aos seus semelhantes. E' alli que o mestre, o eterno semeador, lança nos tenros cerebros a semente de luz, que cultivada com disvelo, desabrochará em primorosos frutos de bem e verdade e dará aos homens a suprema ventura e a suprema gloria.

E' na escola que elles principiarão a preparar-se para vencer as cruentas batalhas que os outros homens irão offerecer-lhes e a ter piedade dos vencidos; é n'ella que aprenderão a idealisar a Patria e a compenetrar-se da protecção que devem aos seus irmãos intellectualmente menos dotados ou phisicamente menos fortes.

Mas se aos paes faltar o pão e ás creanças o conforto?! Se aos filhos assiduos e applicados no estudo, faltar o estímulo a aperfeiçoarem-se, o incitamento a praticarem accões cada vez mais meritorias? Todo o esforço resultará perdido, inutil!

O pae obrigado pela carencia de meios, a fazer com que a creança produza algum dinheiro, afastal-a-ha da escola, matará inconscientemente o genio nascente e, arruinando ao mesmo tempo o futuro dos filhos, em vez de entregar á sociedade, um homem feliz, lançará no meio d'ella mais um revoltado!

Sobre a escola passará o sopro da desgraça, e transformar-se ha n'um casarão deserto! Não devemos esquecer nunca que se a miseria gera a ignorancia, a ignorancia traz comigo a miseria!

Ai dos homens e das nações que se lançaram n'este circulo vicioso! Abyssmo de treva e de horror se abrem deante de si o muito forte será muito conseqüir salvar-se! O carro do Progresso, eternamente em marcha, esmagará implacavel o que não progredio, o que se deixou vencer! Consultae a Historia e ella vos confirmará a verdade do que avança. Vêde essa Grecia antiga illuminando o mundo com a sua espantosa civilização, onde Athenas, mansão da mais pura arte, era estrella de primeira grandeza em saber e opulencia, e compareae-a com a Grecia de 1670, escrava e deserta, ignorante e pobre; meditaes no exemplo d'essa Russia immobilizada e gelida como os *Toundias* da sua Siberia, vendo calcadas aos pés do Japão, illustrado e patriota, a velha bandeira dos Czares!

Urge, pois, que proporcionemos ás familias pobres todo o auxilio, afim de que os seus filhos não percam o pão do espirito, e que premieemos as creanças que se tornem notaveis pelas suas aptidões e assiduidade no estudo.

E' isso que hoje se está fazendo com a coadjuvação das benemeritas commissões de Benemerencia officias, com a consciencia de que se cumpre um dever patriotico.

Creanças! Oxalá que essas festas deixem no vosso juvenil e mimoso espirito, as mais gratas recordações e que nos anime a proseguir na senda, que encetastes cada vez com maior ardor e mais feliz aproveitamento.

Trabalhae, segui escrupolosamente o conselho dos vossos mestres, estae sempre ao lado dos que choram e padecem, como esse grande rei que se chamou Pedro V, e guardae na vossa alma, como em precioso sacralio, o sagrado nome da terra onde nascestes, o nome de Portugal!

SANTOS.

De visita ao 3.º batalhão de infantaria 17 aqui estacionado, esteve o seu mui digno commandante sr. coronel Brak-Lamy, que retirou para Beja maravilhado com o que observou, quer na instrucção quer na disciplina e ainda acieio e boa ordem em que tudo se encontrava. S. ex.^a que foi alvo das maiores attentões dos officiaes do 3.º batalhão, não cessou de manifestar a toda a corporação, e em especial ao ex.^{mo} sr. major Corrêa, a bõa impressão que levava do 3.º batalhão.

Durante os poucos dias que s. ex.^a aqui esteve acompanhado de s. ex.^{ma} esposa e filha, em casa do ex.^{mo} sr. major Marcelino, foram s.^{as} ex.^{as} muito cumprimentados pelas pessoas mais gradas da terra.

Declaração

Manoel Henrique Junior, solteiro, filho de Manoel Henrique e de Maria do Carmo, natural de Santa Barbara de Nexe, vem por este meio publicamente participar que mudou a sua residencia para a cidade de Lagos, onde passa a viver juntamente com o seu irmão sr. P.º João Henrique.

Referendo

Coimbra-2.º-909

O contracto de trabalho e as grèves—
colligações: grèves e lock-out

Colligação é a união resultante d'um accordo de vontades—entente—pela qual muitas pessoas resolvem estabelecer entre si laços de solidariedade, tendo em vista defender a sua causa, qualquer que seja a orientação tomada, e não entrar em negociações com quaesqueras outras pessoas, senão em certas e determinadas condições,—que os socios assim lhes podemos chamar, já previamente tenham combinado entre si.

Posto isto, é claro que essa entente pode existir, não só entre os patrões, como igualmente entre os operarios, pois que uns e outros se podem unir tendo em vista a defeza dos seus interesses.

No primeiro caso temos o que se chama *lock-out*; no segundo temos a *grève*.

Falemos d'esta:

Pegando no mais rudimentar dictionario de francez-portugues, encontraremos a palavra «grève» traduzida por: *praia arenosa, areal...*

Estamos já a ver da casa do amavel leitor, dizendo como seu cigarro: «mas que tem uma coisa com a outra...?»

Vae ver; desçamos a explicações e o caro leitor dar-nos-á razão por lhe falarmos em areia...

O terreno, que se estende hoje deante do Hôtel-de-Ville, em Paris, e que antes da construção do caes descia em suave declive ate ás areias do senna, chamava-se, por isso mesmo.

Praça da Grève,—e isto desde epocha bastante remota.

Encontra-se-lhe este nome pela primeira vez em 1141. E' porem indubitavel que este nome lhe é dado desde ha muito mais tempo.

Desde o Seculo XVI a Praça da Grève seduzia o espirito das classes chamadas baixas (?); era aí que se faziam as festas publicas, era aí que o povo se divertia nas fogueiras de S. João.

Mas se este logar lhes era querido porque ali se divertiam, era ainda para aqui que elles—os humildes—se sentiam arrastados pschicamente, pois que muitos dos seus, *os revoltados*, iam aí, em ultima instancia, derramar o seu sangue, nas execuções capitais; aí acharam a morte, pela guilhotina, Jean de Montaign (1442), o condestavel de Saint-Pol (1475), Ravaillac (1610) etc.

Foi ainda aí que na tarde de 14 de Julho de 1789 foi assassinado De Launey, o ultimo governador da Bastilha. Era aí na Grève que ainda em 1793 eram dirigidos todos os movimentos revolucionarios.

Sendo assim não admira que fosse este o sitio preferido pelos operarios despedidos das officinas,—ou antes de todos aquellos que não tinham emprego—para passarem as horas de ocio, *matando o tempo*. Era aí que se dirigiam aquellos que pretendiam contratar operarios.

E' assim que se formulou a phrase: *faire Grève*—fazer Grève, da mesma forma que nós dizemos *fazer Avenida*.

Posto isto é facil ver como a palavra *grève* tomou o significado que tem hoje.

Quanto á sua evolução historica, a *grève* é um producto de origem relativamente recente, é a primogenita dessa grande revolu-

ção operada no campo da industria pela acção profunda e poderosa dos Watt, dos Arkwright, e dos seus emulos. Duma forma mais intensa, só começa a ser manejada na segunda metade do seculo XIX, e hoje figura no programma marxista e nas doutrinas da escola bakounineana, como adeante veremos.

Entretanto, encontramos alguns vestigios da sua existencia na Idade Media, e até mesmo na antiguidade.

E' assim que Tito Livio nos mostra o proletariado romano, sobrecarregado ao peso das dividas, retirando-se no anno 493 (a. J. Ch.) para o *monte sagrado*.

Com effeito, aqui trata-se duma especie de grève operaria, em que os soldados se recusam a ir para a guerra, dar o sangue por aquellos que, depois da victoria, seriam os seus proprietarios, os seus senhores, a quem elles deviam o dinheiro com que se haviam armado. Assim mostraram que não queriam mais arriscar a sua vida, e o sustento de suas mulheres e filhos unicamente em proveito daquelles que seriam depois os seus verdugos, pois que como na lingua do Dante diz Silvio Longhi «il debitore che non paga cade colla sua personna e coi suoi averi in potere del creditore tanto si egli non voglia come se non possa, *enche senza sua culpa*, pagare.

(Continua).

Sousa Martins.

Excentricidades americanas

Battery Dan exerce as funções de conselheiro municipal em Nova-York, e n'essa qualidade tinha á sua disposição um agente policial.

Ultimamente, porém, o perfeito do policia por motivo de urgencias de serviço, retirou o guarda, e Battery Dan ficou sem ter a seu lado quem o pudesse auxiliar em qualquer diligencia que tivesse de realizar.

Muito atrapalhado com este caso, e não possuindo recursos para pagar a um homem que o ajudasse, teve uma ideia que immediatamente poz em pratica.

Essa ideia consistiu no seguinte annuncio, que mandou publicar em varios jornaes:

«Precisa-se um *millionario* athleta que, não tendo nada que fazer, e queira aproveitar utilmente o seu tempo, esteja disposto a desempenhar funções policiaes, armando-se para esse effeito com o revolver e algemas regulamentares».

Pouco depois Battery Dan recebia a visita de Joy Gould, o moço *millionario* que se offereceu para entrar immediatamente ao seu serviço.

—Sou rico, forte e não tenho occupação nenhuma.

Como vê, disponho d'uma musculatura magnifica que me permite lutar com os mais alentados bandidos.

Como não tenho nada que fazer, desejo conhecer de perto as façanhas e os expedientes dos malfetores que infestam Nova-York, aqui me tem ao seu dispôr.

Não quero retribuição alguma. Exercerei o cargo para me educar e para me entreter.

O conselheiro municipal, satisfeitissimo com o excellente resultado da sua ideia, accitou o offerecimento do moço *millionario* que logo recebeu o respectivo alvará de nomeação entrando no exercicio das suas funções.

D'estas coisas bizarras só na America.

João de Deus e a sua fé

Carta interessantissima
a Germano Meyrelles

A fé não se discute. A minha é que, se Christo não é Deus, Deus é menos que um homem. Pouco me importo o Renan e o Michelet.

Qualquer d'estes poderia eu ser; Christo é que eu não podia ser. Ha evidentemente na sua obra alguma coisa sobrenatural; e se ha alguma coisa, ha tudo, porque o que é sobrenatural é divino.

O seculo e as aspirações do seculo, são palavras vãs. Eu sou do seculo e conheço a minha miseria e a dos outros. Ainda hoje se derrama e até quasi se bebe o sangue humano como ha quarenta seculos.

O mesmo Renan, que é d'este seculo, não passa de um macaco, postumo de Voltaire, e tão ridiculo como elle. Quem chama patuscos aos apostolos deu a medida de si. A philosophia do bem, a philosophia da desgraça, a philosophia da verdade, nunca elle viu, nem sabe o que isso é. Portanto, do que elle diz faço eu tanto caso, como do espectralhão que me viesse desimaginar que o homem não tinha sido realmente feito de barro, como diz a Escriptura. São espertezas de rato, como aquella minha (e não sei se de mais alguém, porque já a vi nos jornaes) que todos hoje com um phosphoro na mão, podemos dizer como Deus no principio do mundo: Faça-se a luz! e fez-se a luz.

Michelet, pelo que me disste uma vez, em casa do Vilhena, parece-me uma boa alma, mas que se incumbiu sem precisão do *acto adicional* do Evangelho Olhou pelo mundo todo, e viu que era já velho amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos, e decidiu que amassemos agora tambem os animaes, os vegetaes e os mineraes. Reconheço a razão porque alguns levam tão longe o seu amor, principalmente a este ultimo artigo... Mas o amor universal, graduado, racional e possivel, não em romance francez e uma estravagancia ridicula, cifra-se mesmo no espirito evangelico. Christo lá manda tirar no sabado o animal do atoleiro, e diz que o lyrio do valle ninguem o veste, e Salomão não traja melhor porpura!

Progresso sobre o Evangelho é impossivel, porque o Evangelho só fecha em Deus o circulo da peregrinação. Uma instituição caduca quando a sociedade não cabe nos seus moldes. Ora onde vês tu em pratica o preceito a que se reduz a lei e os prophetas? Em Sebastopol, em Magenta, em Solferino, na agonia indifferente da Polonia, no açougue dos Estados-Unidos? A balisa posta por Christo á humanidade é tão perto do ceu e tão longe da terra que nunca lá havemos de chegar. Portanto o Evangelho não pode envelhecer; é como a alma do homem, e tudo que é eterno está sempre na sua aurora.

Nem Renan, nem Michelet, nem ambos juntos, nem todos nós, toda a humanidade em peso, era capaz, não digo mais, mas só de fazer o *Padre Nosso*! a mais admiravel e a mais perfeita de todas as orações possiveis.

JOÃO DE DEUS.

Cousa alguma é impossivel; ha caminhos que conduzem a todos os fins; quando existe boa vontade, encontram-se sempre os meios.

Enxertia animal

Na *Revue*, firmado pelo doutor L. Caze, encontramos o seguinte: Uma das operações mais surprehenderes do doutor Carrel foi a da conservação d'uma secção d'arteria n'um refrigerante durante trinta e cinco dias, para a enxertar, passado esse tempo, n'um homem ou n'um animal com vida. Segundo o doutor Carrel, a obra da morte não é immediatamente total. A vida não abandona os órgãos senão successivamente. Ha apenas uma parte d'elles que morrem na occasião da morte do individuo. Os restantes continuam a conservar a sua vitalidade e esta ultima pode manter-se por meio de preservativos. Assim, é permitido prever que, nos hospitaes do futuro, será possivel conservar em recipientes submettidos á refrigeração, ao abrigo da decomposição, certos órgãos de pessoas defunctas. Estas peças anatomicas serão aproveitadas, no momento desejado, para ser transplantadas por substituição ou restaurar assim órgãos defeituosos.

Martyr da sciencia

O dr. Andrew, ha 20 annos ao serviço do hospital de Rochester no Estado de New-York, teve de soffrer a amputação da mão esquerda.

Consagrava-se ao estudo dos raios X, e a sua mão esquerda, longo tempo exposta á acção d'esses raios, não tardou a dissecar-

se e a ablação do membro foi julgada inevitavel.

O dr. Andrew é a segunda victima dos raios Roentgen, em Rochester. Em 1904 o dr. Luiz Weigel soffreu a amputação das duas mãos e em 1906 morreu das numerosas feridas que os seus trabalhos haviam provocado.

ANNUNCIO

Vendem-se duas courelas de terra, constando uma de amendoeiras, figueiras, ameixeiras e terra de semeadura e outra apenas de terra de semear e zambujeiros.—Esta junto á estrada nova em frente das Portellas e aquella ao poente d'esta junto da estrada do Adoalho.

Para informações o solicitador Francisco Antonio do Carmo.

VENDE-SE

Uma bicycleta nova, com pouco uso, boa marca, dois travões e roda livre por preço razoavel.

F. J. Xavier—Mexilhoeira Grande.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS DE LÁ

— DE —

JOSÉ MIGUEL DIAS & SOBRINHO

Praça Gil Eannes

LAGOS

O proprietario d'este estabelecimento participa aos dignos habitantes de Lagos que acaba de receber um colossal sortido de pannos briches entrançados vindos directamente da fabrica, pannos especiaes para varinos, modelo Aveiro ou outro qualquer, pannos estes que nenhum retalhista os pode vender de igual qualidade por estes preços.

Tem tambem no seu estabelecimento um variado sortido em casimiras, cheviotes da moda, flanelas pretas, diagonaes em côres e pretas, cortes para sobretudos e calças, nacionaes e estrangeiras;

Assim como: baetas, flanelas, meltons, camas de ferro e muitos outros artigos, que vende a preços sem competencia.

Recommenda aos habitantes de Lagos que não comprem varinos n'outro qualquer estabelecimento em briche d'Aveiro ou qualquer outro modelo, sem visitarem o seu estabelecimento, garantindo aos seus Ex.^{mos} freguezes que ninguem os vende por igual preço e qualidade.

FRANCISCO ANTONIO VARELLA

Estabelecimento de Funileiro

RUA DIREITA, 68

Executa todo e qualquer trabalho em folha de Flandres, zinco, latão e cobre.

Gazometros para gaz acetylene.

Urnas de mogno e chumbo.

Grande sortimento de chaminés para candieiros, bocas, torcidas, etc.

Vidro em chapa, drogas, tintas, vernizes, breu, gesso, cimento e ferragens.